

## ORALIDADE E VOZ – Grandes Oradores da História

<http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2023.59.13484>

Submetido em: 26/9/2022

Aceito em: 25/11/2022

Vanessa Taís Scheffler Ciechowicz,<sup>1</sup> Euselia Paveglio Vieira<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo trazer grandes oradores da História, mostrando a importância, a relação e a influência que estes nomes causaram com a sua oralidade, discursos e sua voz. Neste contexto, a pesquisa visa a contribuir para o conhecimento sobre o poder que a oralidade e a voz têm dentro de uma sociedade e qual o real valor a ela atribuído. Utiliza-se de referenciais bibliográficos e assume a característica de pesquisa exploratória e descritiva, de caráter qualitativo. Procura-se incluir o elemento da voz e da oralidade como um instrumento forte e real para o sucesso em influenciar pessoas e formação de opinião. Trata-se de discutir sobre como o sucesso de um bom orador sob um ponto de vista que colige a subjetividade, as agudezas, os significados e os sentidos construídos social, cultural e historicamente, nos contextos da história da eloquência. Busca-se, a partir de um resgate histórico, percorrer trilhas que conduzam à reflexão de quais são os artifícios, atributos, técnicas de oralidade, eloquência e dicção de quem utiliza a sua voz e oralidade para conseguir expor as suas ideias e somente com o discurso conseguir passar credibilidade e confiança, tanto no trabalho quanto na vida social. Conclui-se esta pesquisa bibliográfica com a sua contribuição para o conhecimento sobre o poder que a oralidade e a voz têm dentro da história da comunicação, assim como a sua importância no âmbito histórico, analítico e profissional.

**Palavras-chave:** oralidade; voz; grandes oradores; história; eloquência.

### ORALITY AND VOICE – GREAT SPEAKERS IN HISTORY

### ABSTRACT

This article aims to bring speakers from history, objective the importance, the influence that these names have on their oral cause and their voice. In this context, the research aims to contribute to the knowledge about the power that orality and voice have within a society and what is the real value attributed to it. It uses bibliographic references and assumes a characteristic of exploratory and descriptive research, with a qualitative character. It seeks to include the element of voice and orality as a real instrument for success in influencing and forming opinion. It is in dispute about the success of a good or from a point of view that brings together subjectivity, sharpness, the socially, culturally and historically constructed senses, in the contexts of the history of eloquence. Paths that lead to the reflection of what they are, based on their search based on their voice, eloquence, based on their search based on their voice, their ideas, eloquence, techniques for those who can use their voice, eloquence and only with techniques of those who manage to use their voice, credibility and trust, both in work and in social life. It concludes with this bibliographical research, with its contribution to having knowledge about the power of the history of communication and the voice and its importance in the historical, analytical and professional scope.

**Keywords:** orality; voice; great speakers; history; eloquence.

<sup>1</sup> Autora correspondente: Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí. Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Desenvolvimento Regional. Rua do Comércio, Nº 3000, Bairro Universitário. CEP 98700-000. Ijuí/RS, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/4863368982580170>. <https://orcid.org/0009-0008-3727-5514>. [vanessa.wissmann@sou.unijui.edu.br](mailto:vanessa.wissmann@sou.unijui.edu.br)

<sup>2</sup> Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí. Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Desenvolvimento Regional. Ijuí/RS, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/2248109428562434>. <https://orcid.org/0000-0001-5927-2703>

---

## INTRODUÇÃO

“A arte de falar bem demanda um grande trabalho, um estudo contínuo, muito exercício, uma longa experiência e uma prudência consumada”. “A eloquência tem muita extensão e variedades. Todos os dias estão se oferecendo coisas novas, e por mais que se tenha dito, não se tem dito tudo” (QUINTILIANO *apud* QUEIROZ, 1998, p. 1).

Esta arte de saber falar foi e ainda é a principal preocupação e instrumento dos homens de poder e dos estudiosos, sejam os estadistas, os antigos profetas, os políticos, os tribunos e também os sacerdotes. Todos valeram-se de palavras fortes para demonstrar a pertinência de suas teorias, a correção das suas ideias e a certeza de seus objetivos.

Aristóteles foi o maior tribuno da raça helênica durante a Grécia Antiga. Já Cícero deixou sua marca nos discursos históricos durante a Roma de César. Mirabeau surge como o grande tribuno dos anos de sofrimento na França revolucionária. Napoleão foi com sua espada que conquistou o mundo pela força, foi com a palavra e a sua voz que o governou. E, dois séculos depois, todas as referências a Napoleão o trazem como um ser carismático, dado o apelo que fez no deserto do Egito: “Soldados, do alto daquelas pirâmides, quarenta séculos vos contemplam!” E o próprio general de Gaulle foi tão grande orador quanto estadista (SODRÉ, 2007).

No Brasil, por sua vez, a literatura e a história nos apresentam grandes oradores. Castro Alves, por exemplo, que construiu, a partir da causa abolicionista, versos proféticos. José do Patrocínio marcou época com seus discursos marcantes e altivos, tal como o fez Joaquim Nabuco, ambos de trajetórias e origens distintas, mas com o mesmo amor pela oratória viva de emoção. Octávio Mangabeira, por sua vez, conquistou a Bahia e o Congresso Nacional com o calor dos seus dizeres. O orador mais reconhecido e de maior expressão nacional, no entanto, foi Rui Barbosa – advogado de formação – por elevar o nível da oratória acadêmica, política e até a forense. É até hoje conhecido como “Águia de Haia” em virtude da sua atuação na Segunda Conferência de Paz, em Haia (1907). Seu saber e arte no âmbito das palavras ditas eram tanto que ele é comparado a Cícero de Roma (SODRÉ, 2007).

São estes nomes, entre as dezenas de outros vultos da história da oratória, que apontam para o significado do discurso oral, da voz e da comunicação articulada verbalmente. Esta pesquisa propõe-se a retomar e entender esse universo tão pleno de significados, um dos instrumentos primeiros da comunicação, tão usado e, todavia, tão pouco discutido e estudado.

O problema que a pesquisa se propõe responder consiste em saber qual é o papel e a relevância da voz e da oratória na comunicação social. O objetivo da pesquisa é levantar e analisar a importância da oratória e da voz no ato comunicacional. A temática que norteia essa investigação é a de que, mesmo a voz e a oratória sendo elementos primordiais e basilares na comunicação humana, elas não recebem a devida importância. As causas certamente repousam no fato de se constituir o ato da fala em ato natural, não se lhe atribuindo a relevância necessária.

No que respeita à metodologia, o método de abordagem configura-se como pesquisa qualitativa e, quanto ao nível, exploratória e descritiva. Ela busca recuperar informações disponíveis sobre o tema, desvendar, recolher e analisar grandes oradores da história mundial e nacional, contextualizando-os dentro de seu tempo e história. Pretende, por meio desses métodos, trazer elementos relativos ao uso e importância da voz humana nos processos de

comunicação. O estudo realizado ocorreu por meio de levantamento bibliográfico de textos, observando e analisando a importância das suas vozes e eloquência para suas respectivas carreiras.

Este trabalho se justifica, a saber: por abordar grandes oradores da História, seu modo de transmitir os pensamentos por intermédio de discursos e oratórias, com base no livro do autor Hélio Sodré (2007).

## RESULTADOS

Diz-se que a eloquência é a mais mortal e efêmera das artes, porque o orador leva consigo para o túmulo todos os seus ingredientes (SODRÉ, 2007). Pois bem, comunicar-se parece fácil quando não se está em frente a um público de forma direta, presencial, com uma audiência disposta ou não a estar ali para ouvi-lo e entender o que ele quer transmitir.

Durante toda a História humana houve nomes aclamados por terem o dom de saber falar em público. É uma das mais nobres artes saber mexer com as emoções do ouvinte, passar ao interlocutor o que se quer dizer e o que deve ser dito.

Para mostrar as ações e a magnitude dos grandes oradores que existiram e que inscreveram seu nome na História, pode-se começar pela nação que ficou conhecida como o berço da civilização: a Grécia.

## GRANDES ORADORES GREGOS

Durante a Grécia Antiga, ou Período Helênico, houve o nascimento e crescimento de muitas ciências, sobretudo no campo das artes e na área das letras, mas nenhuma delas despertou tanto o interesse dos gregos como a eloquência.

Nem os filósofos, os cientistas, os poetas, os dramaturgos, os pintores, escultores, embaçaram, por melhor que fosse o prestígio que os oradores tinham: Muito mais do que qualquer outro povo, o grego voltou-se, cheio de entusiasmo e de encanto, para a arte da palavra, instrumento primordial da exteriorização de ideias, de pensamentos, de aspirações, de esperanças. Um grego mudo – eis o que não era possível conceber-se. Os gregos consideravam a palavra – como dizia Aristóteles – a característica fundamental do homem, o traço que essencialmente o diferenciava dos animais. E para dignificar a natureza humana, para honrar o privilégio de ser homem, cada cidadão devia aprender não só a falar, mas a falar bem. Aliás, “a obra de arte máxima, produzida pelo povo grego, é sem dúvida seu idioma que, em riqueza e em flexibilidade, não tem similar”, escreveu Beloch (*apud* SODRÉ, 2007, p. 57).

O povo grego tinha grande fascínio e uma imensa paixão pela poesia, pelo teatro e principalmente pela eloquência – pelos diálogos e os famosos discursos – quando a palavra se apresentava cheia de emoção e fervor. A oratória vinha como um imperativo da própria estrutura política da Grécia, principalmente em Atenas. Seignobos dizia que “o órgão dominante tornou-se a assembleia do povo, reunida em praça pública para fazer leis e eleger os chefes do governo” (SODRÉ, 2007, p. 58). E Paul de Saint-Victor conclui: “O exercício da palavra era tão necessário quanto o das armas” (*apud* IPANEMA; IPANEMA, 1967, p. 12).

Com a necessidade da verbalização que o povo grego tinha, acabou surgindo uma ciência nova, a retórica, que levava os oradores a se aprimorarem cada vez mais. A retórica, contudo, viria a ganhar destaque e primazia com a obra de Aristóteles, que a apresentou como deveria ser sem exageros, simples para que todos a seguissem. Mesmo assim, como a paixão pela retórica era grande, também foi grande entre os gregos o seu prestígio, a ciência que pretendia indicar rumos seguros para os triunfos da tribuna. Os mestres da eloquência se multiplicaram. E como Atenas não conhecia advogados, cumprindo a cada cidadão a tarefa de defender-se pessoalmente, uma nova profissão decorrente da retórica também surgiu – a de logógrafos, a de elaboradores de discursos escritos, destinados a serem decorados e pronunciados pelos próprios interessados (SODRÉ, 2007, p. 63).

Com tudo isso, pode-se afirmar que na Grécia os oradores não foram consequência da retórica, e sim, a retórica consequência dos grandes oradores. Como escreveu Aristóteles: “Basta falar bem para se chegar a senhor do povo” (SODRÉ, 2007, p. 65-66). Buckhardt declarou, para explicar o fascínio que os gregos tinham pela eloquência, que esta representou na Antiguidade o mesmo papel que desempenha nos tempos modernos a imprensa: “Nada corresponde tanto à força de nossa imprensa quanto a força de sua oratória”, afirmou Buckhart (*apud* SODRÉ, 2007, p. 66).

## Sólon

Homem público de grande valor, estadista grego e um revolucionário firme e equilibrado fizeram com que Sólon fosse chamado de “o reformador de Atenas” (SODRÉ, 2007, p. 68). Ele construía seus discursos em versos, juntando harmoniosamente poesia e eloquência. Antes de a retórica aparecer para colocar regras e lições na oratória, Sólon soube conquistar os atenienses com poemas imponentes que tiveram grande influência e foram depois guardados na memória do povo grego.

Depois de uma guerra contra os ‘megários, nação localizada na colônia Ocidental da Grécia e a fundação da cidade de Mégara Hibléia em 728 a.c, Atenas recuou, gerando na população ateniense um sentimento de covardia, Sólon, que ainda era muito jovem, ficou indignado pelo fato de ter sido criada uma lei que o proibia de manifestar seus sentimentos. “Como seria possível admitir que os atenienses, além de recuarem da luta, ainda concordassem em permanecer mudos e quedos?”, indaga. (SODRÉ, 2007, p. 60). Sólon não se submeteu à determinação imposta e insurgiu-se de maneira inusitada, conforme descreve Plutarco: “Não podendo suportar a vergonha e, consciente de que seus concidadãos desejavam o prosseguimento da guerra, embora não ousassem abrir a boca por causa do édito, Sólon fingiu-se de louco, mandou divulgar sua loucura por toda a cidade” e, tendo composto alguns versos elegíacos, aprendeu-os de cor para pronunciá-los em público (*apud* SODRÉ, 2007, p. 60).

Visto que a lei não podia ser aplicada aos loucos, Sólon valeu-se desse recurso para expressar, em nome do povo, o que sentia e o que sentiam seus concidadãos. Sodr e ainda relata que Sólon pôs um chap eu na cabeça, dirigiu-se, gritando, para a praça pública e, diante da multidão espantada, declamou seu discurso em verso: “De Salamina, arauto satisfeito, Venho para exaltar o grande feito; Mas, ao invés de em prosa vos falar, Prefiro os belos versos meus cantar!” (SODR E, 2007, p. 60). Não se conhece os versos restantes, cerca de cem, todos “mui belos e bem feitos”, segundo Plutarco (SODR E, 2007, p. 60).

Consta que o resultado desta atitude e das palavras de Sólon foi positivo, dado que incentivou a população a continuar lutando. A trégua havia acabado e os jovens, com armas na mão, voltaram ao combate, desta vez liderados pelo próprio Sólon. Este fato mostra perfeitamente o poder da palavra e da eloquência na Grécia Antiga.

### Péricles

Segundo Sodré (2007, p. 66), “A obra de Péricles   imensamente grande. Durar  enquanto durar a humanidade”. Quando Péricles subia na tribuna para proferir um de seus discursos, o momento sempre se tornava um dos acontecimentos mais importantes de Atenas. Segundo consta na História, ele possu ia todas as qualidades para chamar e manter a aten o da popula o. Era bonito, apesar de ter uma cabeça grande. Brincava-se com o tamanho da sua cabeça, afirmando que era preciso ser tão grande para que pudesse conter a grandeza do seu cérebro. Sua voz, segundo consta, era firme, com o timbre forte e marcante, porém harmoniosa e delicada ao mesmo tempo. O poeta Eupolis – contemporâneo de Péricles – pertence aos grupos dos maiores escritores e poetas da velha comédia grega –.também escreveu sua opinião sobre Péricles como grande orador: Foi o maior dos homens na arte de falar. Quando se apresentava na tribuna, deixava longe atrás de si, como fazem os bons atletas corredores, todos os outros oradores. A persuas o habitava em seus l bios, tanto os seus discursos possu am encanto.  nico entre tantos oradores, deixava o agulh o no espírito de seus ouvintes” (SODR , 2007, p. 69).

Segundo Plutarco, Péricles, mesmo com todo o seu poder, era muito cuidadoso com o que falava em público. Toda vez que subia na tribuna para discursar, fazia antes ora oes aos deuses para que não falasse impropriedades, coisas indevidas e informaçoes erradas sobre o que queria falar, no entanto não há registros de nada que Péricles tenha escrito, a não ser alguns editos por ele mesmo publicados. E dos seus inúmeros discursos grandiosos, pouco   lembrado, pois a única forma de registro dos seus versos foi a memória daqueles que os passaram de gera o em gera o. O grande historiador Tucídides descreve em seu livro o que é considerado “o maior discurso da Antiguidade” (SODRÉ, 2007, p. 69). Esse discurso teria sido pronunciado para a cerim nia em homenagem aos heróis mortos nas primeiras batalhas da guerra do Peloponeso.

Segundo Tucídides (*apud* SODRÉ, 2007), que detalhou a cerim nia em palavras, o discurso de Péricles foi proferido na praça pública de Atenas, devidamente decorada e com uma grande tenda bem ao centro com os ossos dos heróis. Em maiores detalhes, Tucídides relata: “Os cidadãos aproximam-se um a um. Fazem oferendas aos seus mortos, rezam por suas almas. Depois, inicia-se o cortejo. Parece que toda a popula o de Atenas toma parte dessa cerim nia legal. Carros conduzem os caixões de cipreste, dentro dos quais foram colocados os ossos dos que morreram pela Pátria. Um leito vazio, enfeitado com tapeçaria, também é conduzido no cortejo em honra dos invisíveis. Os invisíveis são os heróis cujos corpos não foram encontrados ou identificados nos campos de batalha. Em respeitoso silêncio, o povo acompanha o cortejo até o cemitério, situado num dos cantos mais belos de Atenas. Os ossos dos heróis são retirados dos caixões de cipreste e depositados no monumento público a  existente. Logo em seguida, são colocados nas sepulturas e cobertos com terra. Os parentes se aproximam. Há lágrimas, há lamenta oes. Mas eis que Péricles se declara dentre o povo. H  um movimento de emo o. Sabe-se que ele vai falar por ter sido escolhido pelo Areópago para fazer o elogio dos bravos

soldados perecidos. Todos se voltam. Péricles já está na tribuna, um estrado alto, de onde contempla a multidão compacta, que se tornou silenciosa para melhor ouvi-lo. Sóbrio e ativo, Péricles principia a falar, aludindo à lei que instituiu a cerimônia fúnebre em honra dos heróis. Com sua voz clara e harmoniosa, relembra em traços rápidos a glória antiga de Atenas. Depois, inspirado pela importância do momento, aproveita a oportunidade para definir o novo regime democrático do seu país, por ele próprio instituído e mantido. É então que Péricles se ergue maior do que nunca. Sua eloquência, concisa e forte corta o espaço, e ele se apresenta como o verdadeiro precursor do nacionalismo moderno” (PERÍCLES *apud* PLUTARCO, 1992, p. 73).

E é então que Péricles afirma: “Nós excedemos a todos os povos na arte de conciliar o gosto da elegância com a simplicidade, a cultura do espírito com a energia física. As riquezas para nós não são meios de brilhar, mas de agir: não é vergonha confessar a pobreza, mas nada fazer para sair dela [...] imolando-se pela Pátria, os heróis adquiriram uma glória imortal e tiveram soberbo mausoléu, não na sepultura em que repousam, mas na lembrança sempre viva de seus feitos. Os homens ilustres têm por túmulo a terra inteira... A paixão da honra é a única que jamais envelhece e, na caducidade da idade, o prazer não consiste, como pretendem alguns, em amontoar riquezas, mas em inspirar respeito [...] “Honras mais reais são reservadas aos que se sepultaram hoje: seus filhos, até a adolescência, serão mantidos e educados à custa da República. É uma gloriosa coroa que ela oferece às vítimas da guerra e aos que lhe sobrevivem” (PERÍCLES *apud* PLUTARCO, 1992, p. 73).

Era presente e crescente em Péricles a preocupação em formar um estilo de falar e uma forma de linguagem que fosse instrumento adequado, mesclando filosofia em seus argumentos com a habilidade da retórica. “Platão escreveu que Péricles sempre conseguia usar as palavras certas nos momentos certos, fazendo com que se tornasse, de longe, o maior orador do seu tempo”. E, por causa disso, lhe deram o apelido de Olímpico, que significa ‘divino’”(PLUTARCO *apud* SODRÉ, 2007, p. 69).

## Demóstenes

Demóstenes não só foi o maior orador de seu tempo, mas também o maior orador da Antiguidade, segundo Plutarco (1992), conseguindo superar Péricles, até então o maior orador que o mundo conhecia. Adotou, como seu mestre, Iseu, de rara eloquência. Na elaboração de seus discursos, trabalhava como um ourives. Corrigia, requintava, polia, aprimorava e retocava, escrevendo e reescrevendo seus textos.

Nasceu em Atenas em 384 a.C. e associou-se à política com o ideal democrático e, pelo seu simbolismo, a maioria dos historiadores o considera o maior orador de todos os tempos. Mais ainda: o seu nome simboliza a eloquência como o de Platão simboliza a filosofia. Segundo Plutarco (1992), como orador, Demóstenes sempre desejava argumentar ao invés de comover, impor ao invés de deslumbrar.

De família rica, mas com a fortuna herdada perdida pelos seus tutores, decidiu dedicar-se à oratória, submetendo-se a uma severa preparação que moldou seu caráter. Conta-se que, como era gago, para superar o defeito colocava pedrinhas na boca durante os exercícios, à beira-mar. Fala-se desse fato como lenda, mas Demétrio de Falério declarou ter ouvido do próprio Demóstenes a confissão que, “para triunfar de sua má pronúncia e gagueira, enchia a boca de pequenos seixos, pronunciando em seguida trechos de poesia” (*apud* PLUTARCO, 1992,

p. 16). E a força de vontade de Demóstenes não se limitou apenas na superação da gagueira. Possuindo uma voz fraca, conseguiu, com muito pesado esforço, fortalecê-la.

Demóstenes dedicou-se de tal maneira à oratória que construiu em sua casa um gabinete subterrâneo, que está conservado até hoje. Descia lá religiosamente todos os dias para treinar sua oratória e cultivar a voz. Conta-se ainda que, “por vezes, ficava trancado dois ou três meses ininterruptamente. Para manter a disciplina e não cair na tentação de sair, mandava que lhe raspassem metade da cabeça, ficando bem engraçado e estranho”. Dessa maneira, ele não tinha mesmo coragem de sair à rua (PLUTARCO, 1992, p. 14).

Durante algum tempo, trabalhou como logógrafo, tarefa que consistia em redigir discursos para particulares que iam defender suas próprias causas nos tribunais. Sua preocupação com o expansionismo de Filipe II da Macedônia constituiu o tema central de seus discursos mais célebres, as Filípicas (351-341 a.C.), em que conclamava os concidadãos a resistirem ao invasor macedônio.

Em maio de 341 a.C., diante da crescente ameaça representada por Filipe II, que utilizava vários subterfúgios para se intrigar com Atenas e destruí-la, Demóstenes profere a “Terceira Filípica”, na qual tenta alertar os atenienses para o perigo que está por vir. Entre outras coisas, ele aborda as transformações ocorridas na arte militar do século 4 a.C. e chama a atenção para as suas consequências: É verdade que os que querem consolar a cidade lhe pronunciam este discurso simplório: Filipe, dizem, não tem ainda o poder que outrora tinham os Lacedemônios (os espartanos) quando eram os senhores do mar e de todo o continente, quando tinham o Grande Rei (rei da Pérsia) por aliado e ninguém lhes resistia. E, no entanto, a cidade fez-lhes frente, não foi dominada. Quanto a mim, constatando que tudo, por assim dizer, progrediu em dimensão, que o presente já nada se parece com o passado, penso que foram as coisas da guerra que conheceram as maiores mutações e o maior progresso. Primeiro que tudo, nada me diz que outrora os Lacedemônios, tal como todos os outros gregos, invadissem um país para lhe devastar o território com os seus hoplitas e os seus exércitos de cidadãos, a não ser quatro ou cinco meses por ano, durante a estação quente; após o que regressavam a casa (DEMÓSTENES *apud* SODRÉ, 2007)

“Além disso, tinham um comportamento tão arcaico, ou antes cívico, que não compravam qualquer serviço a ninguém; faziam uma guerra regular e aberta. Hoje, vós o presenciais, foram os traidores que tudo perdeu ou quase; as batalhas campais não servem para nada, e dizem-vos que Filipe se encontra aqui ou ali, onde ele quer, e não com uma falange de hoplitas; não, tropas ligeiras, cavaleiros, arqueiros, mercenários, eis o exército que lhe segue as passadas. Quando, por outro lado, ele cai sobre um povo minado por um mal interior e que não ousa sair dos muros para defender o seu território devido à desconfiança que aí reina, ele assesta as suas baterias e cerca a cidade. E abstenho-me de analisar o fato de que, para ele, não há qualquer diferença entre o verão e o inverno e que também não há para ele estação reservada onde interrompa as operações” (DEMÓSTENES *apud* SODRÉ, 2007).

Depois da derrota de Atenas, em Queroneia, Demóstenes tornou-se o mais aguerrido líder da facção antimacedônica. Seu mais famoso discurso foi a Oração da Coroa, contra Alexandre, o Grande, sucessor de Filipe, após ter recebido dos atenienses, em reconhecimento por sua luta em defesa da liberdade, uma coroa de ouro, e ser atacado por seu inimigo Ésquines, defensor da política macedônica, que argumentou ser ilegal essa homenagem. A resposta de Demóstenes,

naquele discurso, considerado obra-prima da oratória, foi tão brilhante que Ésquines acabou exilado. Acusado de cumplicidade com Hárpalo, lugar-tenente de Alexandre que saqueara o tesouro real, Demóstenes fugiu de Atenas, mas com a morte de Alexandre, o Grande, foi chamado de volta pelos atenienses, e novamente os incitou à guerra contra os macedônios. Depois da derrota de Atenas, o general macedônio Antíparo mandou capturá-lo Refugiado na ilha de Caláuria, para não ser preso suicidou-se com veneno e antes de morrer disse: “Agora não há mais estados livres, só me resta a morte” (DEMÓSTENES *apud* SODRÉ, 2007, p. 100).

Os seus discursos, pelo brilhantismo e pela força argumentativa que continham, levavam o povo a lançar-se às guerras com destemor e bravura. Demonstrem esses fatos o que sustenta esse trabalho, qual seja, a força da oratória, da palavra falada e da voz como ferramentas poderosas de comunicação.

Segundo Plutarco, pouco tempo depois de sua morte, a cidade de Atenas lhe prestou homenagem mais que merecida, construindo uma estátua de bronze e decretando que o mais velho de seus descendentes seria alimentado no Pritaneu, em cujo pedestal foi gravada a inscrição: “Se tivesse tido, Demóstenes, força igual à tua vontade, jamais o Ares macedônico dominaria a Grécia” (DEMÓSTENES *apud* SODRÉ, 2007, p. 100).

## GRANDES ORADORES ROMANOS

A influência grega em Roma vem dos séculos 6º e 5º, mas foi nos séculos 3º e 2º a.C. que a civilização grega e a sua filosofia entraram de vez em Roma. A princípio, a filosofia grega não foi bem aceita entre os romanos, e os filósofos gregos foram expulsos de Roma. Em 155 a.C. chega a Roma uma embaixada ateniense, na qual estavam presentes representantes das principais escolas filosóficas de Atenas: a Academia, o Liceu e o Pórtico. Naquele momento, segundo Sodré (2007), a cultura grega já tinha conquistado os romanos. Os jovens mais dados às letras foram atrás dos representantes destas três escolas para escutá-los e, com isso, começaram cada vez mais a admirá-los (SODRÉ, 2007).

Entre os principais representantes e divulgadores da filosofia grega estão Carn ades, da Academia; Diógenes, do Pórtico, defensor do estoicismo. O estoicismo nasceu com um discípulo de Aristóteles, Zenão de Citrum, no século 4º a.C., e o nome da escola baseou-se no local onde funcionou em Atenas (Sto  poikile), isto é, a escola do “Pórtico Pintado”. Os estoicos ter o sido os primeiros a tentar racionalizar a  tica, isto é, tentaram desligar a  tica da metafísica, matéria com que se debate ainda o materialismo filosófico da atualidade (sem solução   vista), que exerceu larga influência nos meios cultos da cidade. E ainda Políbio, historiador, que permaneceu em Roma durante largos anos e escreveu uma história universal (WORPRESS, 2008).

Cícero, que foi o grande divulgador da filosofia grega em Roma, embora seguidor da escola plat nica, foi um eclético, não aceitando inteiramente nenhuma das escolas, mas extraindo de cada uma as doutrinas que considerava dignas de seu tempo (SODRÉ, 2007).

S neca, outro romano admirador dos ensinamentos gregos, foi um grande seguidor do estoicismo, e apreciado pelo cristianismo devido aos seus valores  ticos. Quando, porém, se fala dos oradores romanos, Sodré (2007) afirma que   possível que nenhum romano tenha conseguido superar algum orador grego do porte de Péricles e Demóstenes, mas que mesmo

---

assim os oradores romanos jamais deixaram de ser autenticamente romanos, erguendo suas vozes fortes e firmes nas tribunas.

Sodré (2007) ainda afirma que, de todas as manifestações da arte romana, foi a eloquência a única que alcançou um desenvolvimento completo e cujos representantes não se colocaram em um nível inferior aos gregos.

Em Roma, portanto, mesmo com toda a influência dos gregos, os romanos nunca deixaram de lado seu estilo e gosto pelo grande, pelo exageradamente extraordinário, fantástico. Mesmo quando estudaram a fundo a retórica grega, os oradores romanos não mudaram a cara da sua arte. Segundo Sodré, raros foram os oradores romanos que fizeram da simplicidade a base dos seus discursos. “Suas oratórias deveriam obrigatoriamente ser vibrantes, vigorosas e cheias de pompa” (SODRÉ, 2007, p. 109).

### Catão

O enciclopedista, estadista e general romano Marcus Porcius Cato nasceu em Túsculo, no Lácio, no ano de 234 a.C. Conhecido como o Velho ou o Censor, e famoso pela austeridade dos seus princípios, Catão participou da segunda guerra contra a cidade de Cartago, rival de Roma, cuja destruição pregava a todo o momento. Figura íntegra e de forte sentido moral – daí os termos catoniano ou catônico – e exemplo para a regeneração dos costumes de Roma, de Catão tornou-se famosa a frase: “Delenda est Carthago” (SODRÉ, 2007, p. 114), que significa “Cartago deve ser destruída”, com a qual costumava concluir seus discursos.

Nos diferentes cargos que ocupou, entre os quais o de censor, dedicou-se a combater não só os rivais externos, mas também as influências gregas que se introduziram em Roma, o que o converteu em um fiel representante da tradição conservadora romana. Já em seu tempo, a influência da retórica grega estava presente em muitos oradores romanos, mas segundo Sodré, Catão mostrou-se imune a essa influência. Na verdade, tornou-se um “adversário declarado da nova ciência” (SODRÉ, 2007, p. 113).

Sodré lamenta que os discursos de Catão não tenham chegado intactos até hoje. Como inimigo da retórica, ele proferiu frases famosas como esta: “Domina bem o assunto, e as palavras brotarão por si mesmas”(CATÃO *apud* SODRÉ, 2007, p. 113). Os triunfos que Catão obteve na vida com a sua eloquência e oratória rude servem para comprovar a opinião de Eurípedes, segundo a qual, diante do público, as pessoas menos instruídas são as que mais conseguem chamar a atenção do ouvinte. Catão era assim, falava a linguagem do povo.

### Cícero

Em 106 a.C., em Arpino, uma pequena cidade localizada a 100 km de Roma, no sudeste do Lácio, nasceu Marco Túlio Cícero. Pertencente a uma abastada família de tradição equestre, foi levado, juntamente com seu irmão Quinto, ainda muito jovem, para a capital a fim de receber uma boa educação. Cícero tratou de se aprimorar na arte da oratória seguindo grandes oradores de seu tempo como Antônio, Crasso e principalmente Hortêncio. Estudou direito civil com os dois Cévola e frequentou aulas dos filósofos Fedro, Filo e Diódoto (SODRÉ, 2007).

A excelente oratória de Cícero e também sua coragem ao enfrentar o ditador Sila em um processo público, no qual saiu ganhando, foram decisivos para a absolvição de seu cliente.

Nesse período foi conveniente a Cícero afastar-se do cenário político de Roma. Partiu, então, para a Grécia, a fim de aperfeiçoar sua cultura. Na ilha de Rodas conheceu o célebre Mólón, que influenciou o estilo de sua oratória. Na época de Cícero existiam três correntes entre os oradores: uns seguiam a escola asiática de estilo pomposo e floreado. Outros seguiam a escola ática e viam o estilo ideal na linguagem sóbria e rígida. Mólón era o maior representante da terceira corrente, a escola ródia, a qual Cícero adotou. Segundo Sodré (2007), essa corrente possui uma posi o intermediária, buscando na oratória um conjunto ordenado e harmonioso, e segue o exemplo da eloquência de  squinos e, principalmente, de Demóstenes.

Para Cowell (1967),   difícil reduzir o estilo de Cícero a uma fórmula única. Seu estilo se distinguia por uma constru o ideal, buscando sempre propor o e equilíbrio nas conjun es e modos do verbo. Cícero possuía um estilo claro e uma varia o infinita, sempre adaptada ao assunto. Suas narra es eram naturais e simples. Ao falar de assuntos nobres, suas frases eram solenes e majestosas. E para emocionar seu público, adotava um estilo simplório. Essa incrível habilidade na arte da oratória, segundo Sodré (2007), contribuiu para que Cícero se tornasse um grande advogado.

Ele é considerado o mais patriota dos oradores, segundo Plutarco, e passou a vida exaltando os valores romanos, trabalhando pelo orgulho dos cidadãos. Sempre elogiava a disciplina e a devo o do povo, base para a manuten o de um império tão poderoso como o de Roma. O mérito de tudo, o que diferenciava os romanos dos gregos, era o civismo dos seus homens públicos, capazes de deixarem de lado os prazeres pessoais e uma vida sossegada em enfrentar o interesse coletivo. Plutarco afirma que Cícero, por sua vez, colocou-se como o escudo falante da República. “Houve sempre uma notável coerência no civismo dele” (BOISSIER *apud* SODRÉ, 2007, p. 120).

O primeiro escritor que pretendeu elaborar a teoria do orador perfeito foi Cícero: “  eloquente aquele que pode dizer com agudeza coisas humildes, com riqueza e esplendor as da mais alta importância e em estilo temperado ao alcance dos medianos. Dir s que nunca existiu semelhante orador... Eu, porém, me ocupo não do que vi, mas do que desejo ver e volto-me àquela ideia e forma de Platão, que não se contempla com os olhos, senão com o entendimento. Não busco nada mortal e caduco, porém aquilo cuja posse faz do homem um ser eloquente; busco a eloquência mesma, que só podemos ver com os olhos da alma” (SODRÉ, 2007, p. 126).

Sodré também afirma que há quem diga que Cícero, por ser extremamente vaidoso, só teria se dedicado ao estudo da oratória porque desejava ganhar o título de maior orador da História e/ou o orador perfeito, mas foi Rousseau quem disse: “Demóstenes foi orador, Cícero foi advogado” (*apud* SODRÉ, 2007, p. 127).

O Fórum de Roma, centro da vida de Cícero, era a grande praça ao ar livre da cidade. Ficava no cruzamento de duas avenidas, a *Cardo* e a *Decumanus*. Era lá que se encontrava a C ria (onde se reunia o Senado), a Basílica (equivalente ao Palácio da Justiça), os templos dos cultos públicos (a Júpiter Capitolino e outras divindades), os balneários que atendiam aos banhos e, por fim, o *Rostrum*, a Coluna Rostral, espaço especial usado para a oratória. L  era o império particular de Cícero, segundo Cowell (1967). A voz e a dial tica dele, o furor com que se jogava sobre os adversários extasiava os ouvintes. Cícero dominava o latim como ninguém até então o fizera. Trabalhador incansável, deixou 834 cartas e 55 discursos, exercício que o tornou

íntimo do idioma pátrio. Intelectualmente onívoro, tudo absorvendo e devorando, nada lhe era estranho (COWELL, 1967).

Se Júlio César, a quem ele combateu, foi tolerante com Cícero, Marco Antônio, o sucessor dele, não teve nenhuma complacência. Quando o triunvirato foi formado, ele exigiu o sacrifício de Cícero, pois, como relata Plutarco (1992), pouco tempo antes Cícero fez um discurso devastador contra Marco Antônio, chamando-o de “beberrão silencioso”. Júlio César, Pompeu e Crasso formaram uma aliança, o triunvirato, contra o Senado, que era dirigido por Cícero e Catão de Útica. Os triúmviros, buscando enfraquecer seus adversários, atacaram diretamente a Cícero, que se obrigou a se exilar na Tessália.

Para Cícero, todo o espaço em que ele até então atuara, o Fórum, a Cúria, o Rostrum, “tornara-se absolutamente repulsivo” (*apud* PLUTARCO, 1992, p. 59). Simplesmente ele desanimou: “O estado de coisas” disse a um amigo, “é perfeitamente chocante. Não há nenhum caminho fora desse lamaçal; porque, se um homem com o talento de César fracassou, quem pode esperar sair-se bem?” (*apud* PLUTARCO, 1992, p. 60).

O grande orador terminou sendo morto em fuga, no lugarejo de Philipica, na Grécia, em 43 a.C. Os sicários que o perseguiram decapitaram-no e deceparam-lhe uma das mãos. Marco Antônio, para demonstrar a força da sua brutal vingança, ordenou então que os restos e partes do corpo de Cícero ficassem expostos no Rostrum. A morte de Cícero assinalou o fim da República Romana (SODRÉ, 2007).

## Marco Antônio

O velho Marco Antônio foi um orador por vezes vibrante e outras patético, segundo Plutarco (1992), ele possuía uma memória muito boa, decorava todos os seus discursos e os proferia com muita segurança. O Rostrum (espórão de navio) era uma tribuna adornada com proas de navios, na qual os oradores romanos discursavam. Era um espaço composto por cinco colunas formadas por esporões de navios inimigos capturados por Roma e onde havia um lugar especial para que os oradores pudessem apresentar sua causa em público.

Cícero chegou a falar que certa vez, quando Marco Antônio se preparava para subir à tribuna, alguns viram-no já exausto como se já tivesse feito o discurso ou discutido com alguém, tamanha a preparação a que se submetia antes de falar em público. Imagine-se o espetáculo desse orador na tribuna! Sua voz era poderosa e poderosos os seus gestos, assemelhando-se, por estes requisitos, a Saturnino, apontado como um dos maiores agitadores de Roma e um tremendo domador das massas. “Mas Antônio, como orador, ainda tinha mais valor”, (SODRÉ, 2007, p. 146).

Ao comparar os dois, observa-se que Saturnino tinha uma eloquência marcada pela sua voz e gestos. Marco Antônio, além disso, tinha a palavra em si, era um perfeccionista como orador. Sodré (2007) relata um episódio em que Marco Antônio, quando defendia no tribunal M. Aquílio, não teve vergonha nem medo de apelar para o exagero, ao “patético”. Desconfiado de que seus argumentos não estavam convencendo os juizes, não pensou duas vezes: em pleno tribunal arrancou as roupas de Aquílio, mostrando a todos ali presentes as cicatrizes daquele herói de guerra. O resultado foi positivo, com Marco Antônio ganhando a causa (SODRÉ, 2007).

---

## Júlio César

Caio Júlio César nasceu em Roma, de uma família de patrícios, a elite romana. Segundo a lenda, sua antepassada mais remota era a própria deusa Vênus, mãe de Enéas, o primeiro povoador da península itálica. Júlio César viveu seus primeiros anos no bairro popular de Suburra, onde aprendeu, entre outras línguas, o hebraico e dialetos gálicos. Em 82 a.C. escapou às perseguições do ditador Lúcio Cornélio Sila, inimigo de sua família. Entre 81 a.C. e 79 a.C., Júlio César prestou serviço militar na Ásia e na Cilícia (atual Turquia) (SODRÉ, 2007).

Em 78 a.C., com a morte de Sila, regressou a Roma, iniciando carreira de advogado no fórum romano. Segundo SodrÉ (2007), era o início de sua carreira política. Em 69 a.C. César foi eleito questor (magistrado encarregado de questões financeiras) pela Assembleia do povo. Foi-lhe designada a província romana da Hispania Ulterior. Quatro anos mais tarde foi eleito edil (encarregado dos serviços e obras públicas), e em 63 a.C., *pontifex maximus* (sumo sacerdote – a religião romana estava ligada ao Estado). Neste mesmo ano tornou-se pretor (juiz). Depois de um ano no cargo, assumiu o posto de governador da Hispania Ulterior (SODRÉ, 2007).

Em 59 a.C., Júlio César tornou-se cônsul (chefe de governo) pela primeira vez. Em 58 a.C. iniciou a campanha militar pela conquista da Gália, que duraria até 52 a.C. O historiador Plutarco apontou como saldo dessas guerras 800 cidades capituladas, 300 tribos submetidas, 1 milhão de gauleses escravizados e outros 3 milhões mortos nos campos de batalha. Em 50 a.C., o Senado liderado por Pompeu ordenou o regresso de Júlio César e a desmobilização das suas legiões na Gália. Júlio César não cumpriu a ordem e, atravessando o Rubicão, no norte da Itália, deu início a uma guerra civil que duraria dois anos. Em 48 a.C. derrotou definitivamente Pompeu, em Farsala. Regressou a Roma, tornando-se ditador (na Roma antiga, o governante com plenos poderes, embora nomeado pelo Senado e por um período previamente estabelecido) (SODRÉ, 2007).

Júlio César consolidou seu domínio do mundo conhecido na época, por meio de uma série de campanhas complementares: no Egito, na África, na Espanha (48-45 a.C.). Em Roma, sua posição tornou-se cada vez mais monárquica, à medida que assumia sucessivamente o consulado e estendia a duração de seus poderes ditatoriais. Por fim, assumiu não somente a realeza (convertendo a República em Império), mas também a condição de Deus vivo, segundo Plutarco (*apud* SODRÉ, 2007).

Entre o povo e as legiões romanas, sua popularidade era imensa, devido aos triunfos militares que enriqueciam a cidade e eram generosamente distribuídos, embora de forma desigual, aos cidadãos romanos. Durante o período em que esteve à frente do Estado romano, introduziu importantes reformas administrativas e estendeu a cidadania romana a outras regiões do império. Também reformou o calendário, introduzindo um que encerrava os séculos de confusão causados pela defasagem entre o ano lunar e o solar (SODRÉ, 2007).

Nesse meio-tempo, teve a célebre relação amorosa com Cleópatra, a quem fez rainha do Egito – então uma das mais ricas províncias romanas. Em Roma, todavia, os senadores não só desaprovavam essa união como usavam-na como pretexto para difamá-lo. Percebendo sua intenção de acabar definitivamente com a República e centralizar em suas mãos o poder, bem como transmiti-lo a um descendente, os senadores conspiraram para matar Júlio César, o que aconteceu em 44 a.C. (SODRÉ, 2007).

Em seu testamento, porém, ele deixou todos os seus bens para a população de Roma. Esta, também incitada por Marco Antônio, reagiu contra os conspiradores, forçando-os a fugir da cidade. Alguns historiadores contemporâneos, como Bornecque e Mornet (1976), levantam a tese de que Júlio César, sentindo-se velho e sofrendo de epilepsia, deixou-se matar, acreditando que, com isso, seu sucessor no governo romano seria seu herdeiro legal, Otaviano Augusto, como aconteceu de fato (SODRÉ, 2007).

Além de ser um grande soldado, Sodré (2007) conta que Júlio César teve também uma grande atua o intelectual em Roma. Foi um orador elogiado por Cícero – o maior dos oradores romanos. Escreveu poesia e dois livros sobre gramática latina. Sua obra principal chama-se *Comentários*, que abrange sete livros sobre a guerra da Gália e sobre a guerra civil, em que, com um estilo supostamente objetivo e imparcial – aproximando-se do jornalismo – defende-se das muitas acusa es que lhe foram feitas por seus críticos.

Sua eloquência era bem diferente da dos demais romanos cheios de pompas e delirantes. Estava mais para os gregos, segundo Sodré (2007), mas em uma tribuna, pela simplicidade de sua oratória e pela precisão nas palavras, podia também ser comparado a Péricles, ressalta ainda Sodré. “Inspirava em seus soldados uma afei o e um ardor tão elevados, que mesmo aqueles que, às ordens de outros chefes, não passariam de soldados comuns, se tornavam invencíveis, derrubavam tudo o que encontravam pela frente e arrostavam todos os perigos” (PLUTARCO *apud* SODRÉ, 2007, p. 153).

Para apontar a força de uma oratória bem elaborada e de uma eloquência firme e pessoal, identificado o caráter e a paixão de uma pessoa quando sobe em uma tribuna, não há como não falar sobre um episódio, no qual Júlio César, quando defendia os celtas contra os germanos, observou que os seus oficiais, os mais jovens e bravos, estavam com muito medo das consequências da guerra. Falou-lhes, então, em desafio: “Covardes e frouxos como sois, por que vos arriscardes contra a vontade? Preciso apenas da décima legião para atacar os bárbaros, pois os bárbaros não são inimigos mais terríveis que os cimbro e eu não sou um general pior do que Mário” (SODRÉ, 2007, p.153). Com esta provoca o, as tropas entraram em a o conquistando inúmeras vitórias, lideradas por ele.

## GRANDES ORADORES INGLESES

A história da Inglaterra é marcada por fatos decisivos, grandes batalhas e por vários períodos em sua história bem agitados. Segundo Sodré (2007), em todos os momentos da vida do Reino Unido os oradores desempenharam um papel importantíssimo. Alfredo Bougeaut deixa claro seu pensamento sobre os oradores ingleses: Depois dos grandes oradores da Antiguidade grega e romana, cujas obras serão sempre objeto de uma imortal admira o, foi na Inglaterra que renasceu aquela eloquência da vida e dos negócios públicos, porque foi o primeiro país no qual as discussões parlamentares tiveram livre expansão (*apud* SODRÉ, 2007, p. 193).

Sua Constitui o   do século 13 e o Parlamento – palavra originada na Grã-Bretanha – mostra que os ingleses, apesar de aparentemente silenciosos, em uma expressão de Thomas Carlyle, sempre transmitiam por meio de seus representantes no Parlamento os seus ideais e seus pensamentos. Os grandes oradores ingleses surgiram no Parlamento de Londres, que foi responsável e tinha o poder de, inclusive, destronar reis. Isto ocorreu com Eduardo II, que

---

teve de renunciar devido à grande pressão dos parlamentares. O mesmo aconteceu com o rei Ricardo II. Ambos os fatos ocorreram entre os séculos 14 e 15 (SODRÉ, 2007).

Sodré (2007) relata que foi durante este período que surgem dois grandes nomes: Strafford e Cromwell, os dois maiores estadistas da Inglaterra no século 17. Para Sodré (2007), Cromwell foi um orador muito maior que Strafford, mas foram os dois que deram os primeiros passos para a eloquência inglesa. O apogeu da arte de falar, porém, veio na última metade do século 18 e todo o século 19, quando Walpole, Lord Gray, Sheridan, Burke e Fox começaram a atuar no Parlamento inglês, constituindo-se no que Sodré denomina de começo de uma “das mais belas manifestações do espírito inglês” (SODRÉ, 2007, p. 195).

### Strafford

Grande parlamentar inglês, Strafford, no começo de sua vida política, era um fervoroso crítico da política de Carlos I, posição que se alterou com o tempo, vindo depois a colaborar de várias maneiras com o reinado da época. Estas ações lhe conferiram amplo espaço dentro do governo, sendo voz ativa e poderosa perante todos. Segundo Sodré (2007), a vontade de Strafford era se tornar tão importante para Carlos I quanto Richelieu foi para o rei da França, Luís XIII. Conseguiu chegar ao cargo de vice-rei da Irlanda, a despeito de seu forte temperamento.

Numa luta de rebeldes contra Carlos I, Strafford permaneceu ao lado do rei, gerando ódio em seus inimigos. Depois de um período de 12 anos, Carlos I convoca o Parlamento para negociações. Strafford resolve dirigir-se ao Parlamento para falar contra os rebeldes, mesmo sabendo do perigo. Sodré (2007) relata que, chegando à Câmara, lhe foi dada voz de prisão, acusado de alta traição.

Perante o tribunal, quando fazia sua defesa com uma oratória firme e eloquência clara, segundo Sodré, ele termina dizendo: “Parece que me resta algo a dizer-vos. Desfalecem, porém, minhas forças e minha voz. Ponho humildemente minha sorte em vossas mãos. Qualquer que seja a vossa decisão, concedendo-me a vida ou a morte, eu a aceito antecipadamente com liberdade”, e direi “Te deum laudamus” (STRAFFORD *apud* SODRÉ, 2007, p. 194). Dias depois ele foi decapitado, e o rei nada fez. O mesmo fim teve Carlos I.

### Cromwell

Embora não tenha sido um grande orador no sentido de se valer de belas palavras e frases de impacto, as palavras ríspidas de Cromwell conseguiram levar um exército à rua e decapitar um rei, tornando-se proclamador da República na Inglaterra e um ditador de pulso firme. Voltaire disse a seu respeito: “Um movimento de sua mão, que havia vencido tantas batalhas e dado a morte a tantos realistas, produzia mais efeitos que todos os períodos de Cícero” (*apud* SODRÉ, 2007, p. 195).

Ao contrário de Strafford, Cromwell estava do lado dos parlamentares. Conservador ao extremo, era reverenciado pelos seus discursos sempre com fervor religioso e contra o papismo. Foi com este tipo de discurso moralista que se elegeu deputado em 1628. Quando Carlos I, depois de 12 anos de governo absoluto, convoca de novo o parlamento, Cromwell se vê, mais uma vez, eleito por Cambridge” (SODRÉ 2007, p. 194). “Te deum laudamus”, significa “A Ti, Deus, louvamos”, do Reino, Cromwell foi morar em um sítio, em Cambrigde, sua cidade natal,

onde sua atividade de oratória foi intensificada. Segundo Sodré (2007), ele se diferenciava como orador, mas sua eloquência era agressiva demais. E foi com essa rigidez que ficou conhecido como o estadista de pulso de ferro.

### William Pitt

Segundo Sodré (2007) William Pitt, o velho, foi quem marcou o início da eloquência inglesa. Ele viveu durante o século 18 e era considerado um grande defensor da Inglaterra contra todas as outras grandes na es europeias. Consta que a glória da Inglaterra está ligada à glória de Pitt. Grattam certa vez escreveu: “Havia em Pitt alguma coisa capaz de criar e aniquilar, de abater ou de levantar uma inteligência, um gênio, uma eloquência capaz de convocar o g nero humano para deliberar sobre o destino dos povos” (*apud* SODRÉ, 2007, p. 198).

Afirma-se que William Pitt marca o início áureo da eloquência britânica, mas este, segundo Sodré (2007), é apenas um dos tantos aspectos de sua personalidade. Pelos dotes como orador, conquistou uma posi o privilegiada na história da eloquência. “Senhor da arte de falar com os recursos da eloquência, ao penetrar, aos 27 anos, na Câmara dos Comuns, levou para si o propósito de ressuscitar os grandes triunfos oratórios da idade antiga” afirma Sodré (2007, p. 200). Para o autor, Pitt foi um orador completo, que jamais se esquecia do emprego da gesticula o vigorosa e não se limitava a expor pensamentos numa forma clara e brilhante. Ele sempre conseguia colocar suas ideias com o auxílio da entona o e sonoridade da voz, impondo, por meio dela, a sua personalidade.

### Sheridan

Irlandês, Sheridan é descrito pela História como um legítimo bo mio, amante do prazer, de uma boa bebida e também dono de uma personalidade complicada e imprevisível, segundo Sodré (2007), bem ao contrário da maioria dos ingleses. Ele, porém, exerceu um papel importante no Parlamento inglês e na história dos grandes oradores do mundo. Lord Byron, grande admirador de Sheridan, endereçou-lhe o seguinte elogio: “Ele escreveu a melhor comédia, a melhor  pera, a melhor farsa, o melhor monólogo, e pronunciou o melhor discurso parlamentar” (BYRON *apud* SODRÉ, 2007, p. 195). Alguns de seus discursos marcaram fatos “imorredouros” da história da eloquência inglesa.

### Daniel O’Connell

Daniel O’Connell foi um dos mais arrebatados oradores da história da eloquência inglesa, segundo Jer nimo de Queiroz (1998). Exerceu grande influência sobre a Irlanda como defensor dos direitos do povo, do qual era legítimo representante. Era, por causa disto, olhado com reservas pelo povo britânico. Antes de O’Connell, a Irlanda já havia dado ao mundo grandes oradores, como Burke e Sheridan, que brilharam no Parlamento britânico, porém O’Connell foi, única e exclusivamente, orador, e o maior deles, relata Queiroz (1998). Era uma figura imponente e garbosa e o seu porte atlético impressionava as pessoas.

O’Connell era advogado, profissão na qual se iniciou na vida pública. Teve uma formação católica e estudou Humanidades na França. Regressando à Irlanda, sentiu forte vocação para a advocacia, carreira em que conseguiu sucesso. Certa vez, quando menino, familiares de O’Connell falavam sobre Henry Grattan – líder do Parlamento entre 1783 e 1800 e que lutava pela independência da Irlanda – fazendo referências a sua vida participativa e socialmente comprometida. A criança, depois de ouvir a conversa, ficou muito meditativa, e lhe indagaram o motivo. O menino O’Connell respondeu: “Eu também quero fazer muito barulho no mundo” (QUEIROZ, 1998). Segundo Sodré, como advogado, teve carreira marcante: “Com sua eloquência, conseguiu por vezes arrancar justiça, apesar de católico, de tribunais marcadamente protestantes” (p. 216).

Por seu temperamento desassombrado, por sua eloquência, ora violenta, ora sarcástica, “excitava tanto o riso quanto as lágrimas” (SODRÉ, 2007, p. 217). Já velho, com 68 anos de idade, Daniel O’Connell não cessou sua luta pela autonomia da Irlanda, proferindo o maior dos seus discursos no dia 15 de agosto de 1843, no conhecido comício de Tara, uma das mais belas localidades da Irlanda, reunindo 750 mil pessoas.

Por causa do comício de Tara, O’Connell foi processado pelas autoridades britânicas como conspirador e foi preso. Durante o processo, que durou oito meses, ele se defendeu pessoalmente, pronunciando famosos discursos, modelos de eloquência judiciária. Pressionado pelo governo da Inglaterra, o júri condenou-o a um ano de prisão e à pesada multa. Mesmo depois de libertado, Daniel O’Connell continuou a lutar pela autonomia administrativa da Irlanda. Sodré (2007) conta que o irlandês, já fraco e com idade avançada, com 72 anos contraiu grave moléstia, mas isso não o impediu de continuar sua saga pela liberdade da Irlanda. Faleceu na Itália, onde estava em tratamento médico.

## GRANDES ORADORES FRANCESES

Afirma-se que os franceses e os gregos possuem muitas semelhanças. Partilha deste ponto de vista François-René Chateaubriand, que certa feita afirmou: “Turbulentos e caprichosos na prosperidade; invencíveis e constantes nos momentos de infortúnio; com natural disposição para com todas as artes; civilizados até o excesso durante a calma do Estado, rudes e quase selvagens nos distúrbios políticos; flutuando como um navio sem lastro à mercê de suas impetuosas paixões, elevando-se uma vez às nuvens e caindo outra vez no abismo. Entusiastas do bom e do mau, praticando a primeira destas coisas sem exigir recompensa, e a segunda sem sofrer remorsos; esquecendo-se com tanta facilidade de seus crimes como de suas virtudes; amantes tão pusilânimes da vida durante a paz, como pródigos temerários de seus dias no momento do combate; são ambiciosos, mofadores e propensos às inovações, depreciadores de tudo o que não seja eles mesmos; os mais amáveis dos homens se os consideram individualmente, e nos mais detestáveis de todos quando se reúnem em corporação; mais inofensivos que o cordeiro que se deixa degolar, e mais ferozes que o tigre que desgarras as entranhas de sua vítima, tais formam os atenienses dos tempos antigos e tais são os franceses da atualidade” (apud SODRÉ, 2007).

Para Sodré (2007), os franceses já nasceram com o talento da oratória. Mesmo durante o período dos reis na França, quando a liberdade não passava de um ideal bem longe do alcance das mãos, alguns franceses, hoje conhecidos, tais como Guimaudet, Richelieu e Savaron, tiveram

a chance de se destacar por sua eloquência. Nesta fase a oratória somente era utilizada nos púlpitos das igrejas católicas. A oratória política surgiu na França bem depois que nos demais países europeus.

Foi durante a agitada Revolução Francesa que o ambiente se tornou propício a uma explosão de uma oratória, segundo Sodré, exaltada, bela, vigorosa e impressionante. A  nasceu a verdadeira oratória da França, tão forte como seus personagens. Homens que, em meio ao alvoroço de 1789, conseguiram fazer de suas vozes armas tão ou igualmente poderosas como as de destrui o: “Surgiu então, deveras, a verdadeira eloquência, aquela capaz de abalar os fundamentos da própria sociedade, de abrir novos horizontes, de desviar os rumos dos acontecimentos” (SODRÉ, 2007, p. 242). Os nomes que ficaram na história são de Bernave, Cordorcet, Isnard, Brissot, Saint Just, Lanjuinais, Robespierre, Vergniaund e Danton, mas sem d vida o mais aclamado pela história francesa e tido como o maior orador francês foi Mirabeau.

### Mirabeau

Para Sodré (2007), o lugar de Mirabeau na história da eloquência   tão importante quanto o de Demóstenes, destacando-se que um e o outro não são vistos apenas como oradores. Seus nomes estão marcados como símbolos da eloquência. Honoré Gabriel Victor Riqueti, conde de Mirabeau, nasceu em Bignon-Mirabeau, França, em 9 de março de 1749. Foi político, escritor, jornalista e franco-ma om. Tenente de cavalaria em Saintes, em resposta   severa educa o recebida do pai – o famoso economista Victor Riqueti, marqu s de Mirabeau, discípulo de François Quesnais e um dos primeiros fisiocratas – passou a levar uma vida desordenada e licenciosa.

Diversas vezes foi preso, e em 1776 fugiu para Amsterdã com a mulher do marqu s de Monnier, mesmo ele sendo já casado. Quando descoberto, Mirabeau foi encarcerado por três anos em Vincennes, de onde escreveu   amante as “Cartas   Sofia”, publicadas em 1792. Ignorado pela sua família, seguiu para Londres em 1784, mas logo depois foi nomeado pelo rei francês para uma missão secreta na Prússia (atual Alemanha), o que deu origem   sua obra “*História secreta da corte de Berlim*”, lançada em 1789, e que segundo Sodré (2007), causou grande escândalo.

Voltando para a França às vésperas da Revolu o de 1789, passou a se dedicar   política. Repellido pela nobreza, elegeu-se deputado do Terceiro Estado. Na França daquela época havia uma severa estratifica o social, e o Terceiro Estado era formado por trabalhadores, camponeses e pela burguesia. Fundou, então, o “Jornal dos Estados Gerais” (SODRÉ, 2007).

Sodré (2007, p. 245) conta que, sendo ele um extraordinário orador, lançou na sessão de 23 de junho de 1789, quando o rei quis desmembrar a assembleia, a célebre apóstrofe: “Estamos aqui por vontade do povo e daqui s  sairemos pela força das baionetas”. Sua oratória tinha uma linguagem cheia de ritmos e de colorido. Mirabeau sempre preparava seus discursos, seguindo o exemplo de Cícero e de Demóstenes, mas diferente destes dois g nios da arte de falar, Mirabeau tinha a vantagem do improvisado e de saber debater muito bem. Sempre conseguia surpreender adversários com suas “largadas” triunfais. “Sobre todos os assuntos Mirabeau falava e sobre todos esses assuntos derramava luz”, ressalta Sodré (2007).

## Napoleão Bonaparte

Quando se fala da França, não há como não falar de Napoleão Bonaparte e suas frases históricas. Duas de tantas são: “A vitória tem mais de uma centena de pais; a derrota, por outro lado, essa é órfã”. Outra conhecida é: “O maior orador do mundo é o sucesso”. Napoleão, além de guerreiro, foi um grande estadista e orador. Segundo Sodré (2007), não revelou sua genialidade apenas nos campos de batalha. Era considerado o maior escritor de seu tempo. Chegou-se a sugerir que a verdadeira vocação de Napoleão era no mundo literário, pois “se em suas demais atividades acabou por amargar derrotas, na exteriorização de seu pensamento só conheceu vitórias” (SODRÉ, 2007, p. 272).

Há um detalhe, porém: as milhares de cartas que Napoleão assinou foram, na verdade, escritas por outra pessoa, mas ditadas por ele. Sempre de pé, segundo Thibaudet, Napoleão ditava cada frase de suas cartas, transmitindo em cada linha do texto o tom, as ordens, a impetuosidade e inteligência do imperador. E Sodré (2007) explica que as virtudes de Napoleão-escritor estão diretamente ligadas ao Napoleão-orador. Entre tantos pensamentos e frases famosas de Napoleão, destaca-se uma: “Os homens que transformaram a face do mundo jamais o conseguiram dirigindo-se às elites, senão agitando as massas. O primeiro procedimento não passa de intriga, produzindo apenas resultados secundários. O segundo tem a marca do gênio e modifica o aspecto do universo” (NAPOLEÃO *apud* SODRÉ, 2007, p. 272). Napoleão demonstrava em cada frase sua o seu dinamismo, a sua franqueza e a sua objetividade e, com todos estes atributos, Napoleão jamais poderia ser um orador “sutil ou derramado” (SODRÉ, 2007).

## Victor Hugo

Victor-Marie Hugo nasceu em Besançon em 26 de fevereiro de 1802 e morreu em Paris em 22 de maio de 1885. Poeta, romancista, dramaturgo, ensaísta e orador, deixou obras extensas e variadas. Exerceu influência profunda sobre os escritores de todos os países ocidentais, em particular os de idiomas românicos, conta Sodré (2007). No Brasil, entre seus principais seguidores, destaca-se Castro Alves.

Filho do major napoleônico, que mais tarde se tornaria general, Joseph-Léopold-Sigisbert Hugo, Victor Hugo viveu a infância e a juventude em companhia da mãe, acompanhando-a em ocasionais visitas ao pai, que periodicamente era destacado para diferentes países. Estudou Direito em Paris, mas desde cedo mostrou-se decidido a seguir a carreira literária. Seu primeiro ídolo foi François-René Chateaubriand, um dos iniciadores do romantismo na França (SODRÉ, 2007).

Para Sodré, Victor Hugo, como orador, merece uma “apreciação especial”, por possuir um estilo que transmitia poder e vigor, a sua eloquência seguia bem o seu estilo. Ele não era um político nato, mas usava de suas palavras para lutar. Sodré (2007) relata um fato em que fica clara a força das palavras de Victor Hugo. Trata-se de um discurso feito por ele, quando contava com aproximadamente 50 anos de idade, consideradas “palavras tão eloquentes quanto as de Cícero, na Antiguidade, quanto as de Mirabeau, nos tempos modernos” (SODRÉ, 2007, p. 276). Este discurso aconteceu no Tribunal do Sena em 11 de junho de 1851, para a defesa de seu

---

próprio filho, Charles Hugo, processado por haver questionado a pena de morte, por meio das colunas do *L'Événement*. Eis parte inicial de sua fala:

“Há no que pode chamar-se antigo código europeu uma lei que, há um século, todos os filósofos, todos os pensadores, todos os verdadeiros homens de Estado querem fazer desaparecer do venerável livro da legislação universal; uma lei que Beccaria declarou ímpia e que Franklin declarou abominável, sem que a um, nem ao outro, se haja processado; uma lei que, pesando particularmente sobre essa porção do povo que a ignorância e a miséria torturam, é odiosa à democracia – e não menos reprovada pelos conservadores inteligentes; uma lei da qual o rei Luís Felipe (a quem nomeio sempre com o respeito devido à ancianidade, à desgraça e a uma sepultura do desterro) dizia: Detestei-a em toda a minha vida; uma lei contra a qual escreveu M. Broglie; contra a qual escreveu M. Guizot; uma lei cuja revogação, por aclamação, pedia a Câmara dos Deputados há vinte anos, no mês de outubro de 1830, e que, por essa mesma época, o Parlamento, meio selvagem de Otaiti, bania de seus códigos; uma lei que a assembleia de Francfort fez desaparecer há três anos, e que a Assembleia Constituinte da República Romana, faz dois anos, quase em semelhante dia, declarou abolida para sempre, por intermédio da proposição do deputado Charles Bonaparte; uma lei que nossa Constituinte de 1848 não conservou senão com mais dolorosa indecisão e a repugnância mais manifesta; uma lei que, no momento que falo, se encontra como objeto de duas propostas de abolição, apresentadas na tribuna legislativa; uma lei, enfim, que a Toscana já não quer, que já não a quer a Rússia e que já é tempo de que a França tampouco a queira; uma lei ante a qual retrocede com asco cada vez mais profundo a consciência humana. É a pena de morte” (VICTOR HUGO *apud* SODRÉ, 2007, p. 277).

O discurso de Victor Hugo gerou enorme discussão em plenário, visto que, ao invés de ajudar o acusado, seu filho, piorava a situação dele. Ressalta Sodré (2007), porém, um orador é um livre pensador, e que fala diretamente e principalmente para a consciência universal. Seu filho acabou sendo condenado a cinco meses de prisão: “Mau advogado, Victor Hugo. Talvez. O certo é que, com o seu magistral discurso, Hugo revelou-se um dos maiores oradores dos tempos modernos. Perdeu uma nobre causa, mas granjeou a admiração do mundo e da posteridade” (SODRÉ, 2007, p. 281).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início, diante da proposta de apresentar uma pesquisa sobre a voz, a retórica aparece, muito mais do que a escrita, como a técnica de comunicação por excelência da Antiguidade – e que nunca perdeu seu valor e proeminência até os dias de hoje.

As duas grandes técnicas de comunicação da Antiguidade, a escrita e a retórica, eram vistas como alvos, de maneira permanente e sempre atual, pelos filósofos. Com o passar do tempo privilegia-se a escrita e ocorre um gradativo desinteresse em abordar a oralidade, a voz. Talvez por sua naturalidade e uso rotineiro, tornou-se pouco percebida no nosso dia a dia, mas nunca em seus primórdios: ao lado das arengas dos filósofos, das declamações dos retores e de seus alunos, havia leituras públicas (*recitationis*). Os escritores, às vezes até mesmo os imperadores desde Augusto, em Roma, liam suas obras em público. As obras escritas eram pensadas em razão de uma leitura pública e os autores buscavam efeitos de conferencistas de boa voz, terminando, por exemplo, com uma *sententia* – uma fórmula que despertava

a atenção do ouvinte e resumia o que acabava de ser dito, na mais pura tradição oratória. A pesquisa tentou resgatar seus méritos e pioneirismo da oralidade e da voz, devolvendo-lhe o merecido valor. Como, aliás, já fizera Aristóteles, concebendo o ato de falar em público como uma nova arte de comunicação. As elaborações foram baseadas em relatos históricos. A partir de textos em que diversos autores descrevem questões atinentes à oralidade, à eloquência e ao poder de uma voz marcante e bem trabalhada, foi possível perceber o caráter histórico do processo da voz e seu papel na construção da civilização. É certo que, nas páginas deste artigo, não estudamos, nem tivemos, mesmo, a preocupação de estudar a personalidade, a carreira, a oratória e o poder da voz de todos os grandes nomes da História e da comunicação. Como era natural, tivemos de selecionar com ponderação, a fim de que somente alguns entre os maiores pudessem merecer uma atenção mais profunda, ajudando desta forma a ilustrar e lançar luz sobre esse trabalho.

Assim, a partir dos relatos, pesquisas e dados apresentados, percebemos a sua importância para a compreensão de que o som produzido pelo ser humano – a voz – foi um veículo de comunicação largamente utilizado desde o começo da civilização na Grécia Antiga, passando por Roma – onde tudo se organizava em torno da vontade de fazer da comunicação social uma das figuras centrais da vida cotidiana, com destaque para a oralidade – e até hoje está presente em nossas televisões digitais e rádios de alta frequência.

Para Demóstenes, em relato de Plutarco (1992), cada palavra dita importa. Cada emoção tem seu peso específico. E uma das condições essenciais de ser gente, talvez a mais importante delas é comunicar, falar, expressar.

Nesse contexto, o estudo da voz e da oralidade estão a merecer o resgate que procuramos aqui reinstalar. Ao atravessar a Antiguidade, permanece e instala-se a voz como força central da vida cotidiana, peça e porção indivisa do complexo contexto que é a comunicação humana.

## REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Ana. *Falar bem já não é segredo*. Rio de Janeiro: Bloch, 1989.
- BORNECQUE, Henri; MORNET, Daniel. *Roma e os romanos*. Ed. revista e atualizada por A. Cordier. Tradução Alceu Dias Lima. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1976.
- BORELLI, Sílvia Helena Simões (org.). *Gêneros ficcionais, produção e cotidiano na cultura popular de massa*. São Paulo: Intercom, 1994.
- BORGES, Rosane da Silva. *Rádio: a arte de falar e ouvir*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- CÉSAR, Cyro. *Rádio, a mídia da emoção*. São Paulo: Summus, 2005.
- COWELL, F. R. *Cícero e a República Romana*. Lisboa: Ulisséia, 1967.
- FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio e capitalismo no Rio Grande do Sul: as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na metade do século 20*. Canoas: Editora da Ulbra, 2007.
- IPANEMA, Marcello de; IPANEMA, Cybelle de. *História da comunicação*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1967.
- LINDHOLM, Charles. *Carisma: êxtase e perda de identidade na veneração ao líder*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- LINS CALDAS, Alberto. *Oralidade texto e história*. São Paulo: Loyola, 1999.
- PLUTARCO, Lúcio. *Vidas paralelas*. Tradução direta do grego por Gilson César Cardoso. São Paulo: Paumape, 1992. V. 3 e 5.
- QUEIROZ, Jerônimo Geraldo de. *Manual do orador*. Goiânia: Cultura e Qualidade, 1998.

QUINTILIANO, Marco Fabio. *Instituciones oratórias*. Traducción directa del latín por Ignacio Rodríguez y Pedro Sandier. Madrid. Librería de la Viuda de Hernando y Cia, 1887.

SODRÉ, Hélio. *História universal da eloquência: discursos que marcaram a história da humanidade*. Petrópolis, RJ: Catedral das Letras, 2007.

WORDPRESS. *O estoicismo*. Disponível em: <http://espectivas.wordpress.com/2008/05/20/o-stoicismo>. Acesso em: 24 nov. 2008.

Todo conteúdo da Revista Desenvolvimento em Questão está  
sob Licença Creative Commons CC – By 4.0